Sumário

Agradecimentos 15

Prefácio de Vaughan Roberts 19

1. O problema da plausibilidade 23
2. O problema da plausibilidade e eu 33

Equívoco n.º 1:
"Sua sexualidade é sua identidade" 41

Equívoco n.º 2:
"Uma família é formada por mãe, pai e dois a quatro filhos" 51

Equívoco n.º 3:
"Se você nasceu gay, não pode estar errado ser gay" 61

Equívoco n.º 4:
"Se faz você feliz, deve estar certo!" 71

Equívoco n.º 5:
"É no sexo que encontramos a verdadeira intimidade" 83

Equívoco n.º 6:
"Homens e mulheres são iguais e intercambiáveis" 93

Equívoco n.º 7:
"Santidade é heterossexualidade" 109

Equívoco n.º 8:
"O celibato é ruim para você" 121

Equívoco n.º 9:
"O sofrimento deve ser evitado" 131

Conclusão 147

Apêndice 1: A plausibilidade da interpretação tradicional das Escrituras 153

Apêndice 2: A implausibilidade das novas interpretações das Escrituras 171

Leitura recomendada 183

Agradecimentos

Ao escrever este livro, fui muitas vezes consolado pelas palavras de Flannery O'Connor, de que "... todo o texto que se escreve é doloroso e [...] se não for doloroso, não vale a pena escrevê-lo".[1] Escrever sobre uma das áreas em que estão minhas maiores fraquezas e fracassos tem sido às vezes muito difícil, por isso foi o tipo de esperança que ela oferece que me fez seguir em frente. Confio e oro para que você sinta que valeu a pena.

Este livro também teve sua composição facilitada pelas orações, ajudas e incentivos de muitas pessoas, às quais agora preciso agradecer. Porém, em lugar de apresentar uma longa lista com as muitas pessoas que o tornaram possível, desejo agradecer a alguns grupos. Assim (espero!), não ofenderei ninguém por deixar seu nome de fora.

Primeiramente, preciso agradecer à equipe da IVP, por assumir e ajudar um novo autor que desejava publicar algo sobre um dos tópicos mais controversos que a igreja atualmente enfrenta.

Também preciso agradecer a toda a equipe por trás do movimento *Living Out* (www.livingout.org), que foram os primeiros a me fazer escrever sobre esse assunto. Sou especialmente grato aos meus companheiros da equipe editorial, que me forneceram informações de sua vida sobre a essência dessa questão.

[1]Sally Fitzgerald, org., *The habit of being: the letters of Flannery O'Connor* (New York: Vintage, 1980), p. 242.

Seu companheirismo tem sido uma das maiores alegrias dos últimos anos.

O número de notas de rodapé neste livro ressalta quanto meu pensamento tem sido moldado por inúmeros outros, e sou muito agradecido a todos aqueles cujas obras moldaram profundamente minhas atitudes e ações.

Minha família da igreja em Emmanuel Bristol tem sido maravilhosamente tolerante com a quantidade de meu tempo de trabalho para eles que tem sido usada neste livro e no *Living out*. Seu amor e cuidado para comigo estão sempre presentes, ainda que eu me preocupe e ocupe com outras coisas. Espero que todos eles, especialmente a igreja que atualmente apascento (Emmanuel City Centre), venham a ser mais bem atendidos por mim de agora em diante.

Todos aqueles que leram os diversos esboços deste livro merecem uma menção especial, pois me incentivaram a seguir em frente quando eu estava (em inúmeras ocasiões) prestes a desistir. Vêm à minha mente cerca de vinte pessoas, desconhecidos e amigos, que sugeriram inúmeras melhorias por meio de comentários perspicazes e cômicos. Todos os problemas que restarem são, logicamente, minha exclusiva culpa.

Espero que uma das impressões passadas por este livro seja a de que minha vida tem sido incrivelmente abençoada por meus amigos e familiares. Tal impressão seria muito precisa. Meus amigos são extraordinariamente pacientes comigo, ao passo que lentamente aprendo a ser o tipo de amigo que eles são para mim. Minha família é gentil e tolerante para comigo, com a estranha vida que escolhi e com o tipo de pessoa única que sou ("Tio Ed Bobo", como sou sempre chamado por meu sobrinho e sobrinha mais velhos).

Dediquei este livro aos meus pais, Jonathan e Hazel Shaw. Preciso lhes agradecer não apenas pela vida que tenho por ser seu filho, mas também por minha vida eterna como filho de Deus. Eles foram as pessoas mais usadas por Deus para me ajudar a

enxergar como e por que devemos seguir a Jesus. Eles me criaram em um ambiente de amor por ele (e pelos livros!) que me tornou a pessoa que sou hoje. Eu sou, e sempre serei, eternamente grato a eles e a ele.

Prefácio

Posso imaginar as reclamações daqueles que, diante do título deste livro, pensam que ele é mais um entre uma miríade de livros sobre cristianismo e homossexualidade. Se essa foi sua reação instintiva e você ainda assim começou a ler essas palavras, posso instar para que você não pare por aqui?

Este livro é de grande importância. É um dos livros mais importantes que tive a oportunidade de ler nos últimos anos. Costumo descartar comentários dessa natureza como o tipo de hipérbole que se espera no prefácio escrito por um amigo do autor; então, deixe-me ser enfático: eu realmente falo sério.

Não se trata, como você bem pode imaginar, simplesmente de um livro conservador, dirigido apenas a fiéis que sintam atração pelo mesmo sexo e nos exortando a manter uma postura bíblica com relação a esse assunto. Trata-se, acima de tudo, de um livro radical, que desafia todos os crentes a uma ampla reforma de pensamento e comportamento. Permita-me compartilhar por que gosto tanto dele.

Primeiramente, é um livro sensível. É sensível em um sentido pastoral, como seria de esperar de um escritor que fala abertamente sobre sua própria experiência de atração pelo mesmo sexo. Sua honestidade sobre como ele realmente se sente é revigorante. Ele "entende". Isso importa para aqueles de nós na mesma situação. Contudo, é igualmente importante o fato de Ed Shaw ser culturalmente sensível. Ele reconhece que, mesmo para

os muitos cristãos que afirmam crer na Bíblia como autoridade suprema, os deuses de nossa era, quer reconhecido conscientemente, quer não, exercem influência ainda maior sobre sua postura ética do que a interpretação bíblica. Isso não está relacionado a mentes que foram convencidas por novas interpretações, mas a corações que foram cativados por suposições individualistas.

Em um mundo e, muito frequentemente, também em uma igreja, em que a expressão e a realização pessoais são valores em grande medida incontestes, a posição ortodoxa cristã com relação à homossexualidade pode parecer insustentável e até mesmo imoral. Nesse contexto, poucas pessoas ficarão convencidas da correção desse ensino, por melhor que se argumente a favor da tese bíblica, a menos que elas sejam convencidas de sua plausibilidade.

Ed Shaw compreende que isso exige um livro que não se concentre apenas na interpretação de uns poucos textos-chave, mas que também lide com o coração e suas convicções subjacentes, muitas vezes inconfessas.

A segunda característica notável deste livro reside no fato de ele ser tão positivo. Como Ed defende, a abordagem da homossexualidade com a máxima do "Diga *não*!" não convence mais ninguém, se é que algum dia convenceu. Em vez disso, ele nos oferece uma visão positiva da possibilidade de uma vida vibrante e satisfatória em comunhão com Cristo para cristãos atraídos pelo mesmo sexo, ainda que isso signifique deixar de lado o sexo e o casamento.

É claro que haverá momentos de sofrimento, mas como poderíamos esperar outra coisa ao seguir aquele que adentrou sua glória por meio da crucificação e que chamou seus discípulos para percorrerem o mesmo caminho, negando a si mesmos e tomando sua cruz? Contudo, aquilo que nos pedem que abandonemos não é nada, comparado ao que somos convidados a receber, tanto agora quanto no futuro. A vida com Cristo envolve, sim, sacrifícios, como qualquer outro relacionamento, mas, em última análise, é definida não pelo que nos é negado, e sim pelo que — ou, melhor, por *quem* — nos é concedido. O "não" que se

diz é precedido e envolto pelo "sim" que dizemos a Cristo, que é uma resposta ao "SIM" amoroso que ele nos dá. Ele veio para nos trazer vida, não uma forma de morte em vida, e ele morreu para tornar isso possível.

Podemos ter experiências equivalentes ao que Ed chama seus "momentos chão de cozinha", quando tudo parece sombrio; todavia, em Cristo e ao contemplar tudo o que Deus nos dá nele, encontramos forças para levantar do chão, perseverar e exultar. Ele não nos chama para uma vida de resignação a ser suportada com os dentes cerrados, mas à fé cheia de alegria em momentos de angústia e cheia de esperança em tempos de aflição.

O último motivo pelo qual gosto tanto deste livro é sua incisividade. Seu tom não é jamais agressivo ou intimidante, mas é possível sentir a paixão e a justa frustração do autor. Ele não visa o alvo mais previsível, os liberais transigentes, mas aqueles que pertencem à sua própria tribo evangélica.

Em vez de simplesmente acusar os outros de serem antibíblicos, precisamos examinar nossas próprias tradições em relação ao padrão da Palavra de Deus. Enquanto afirmamos resistir aos ídolos do hedonismo e do relativismo, não temos muitas vezes entrado em uma aliança profana com o egotismo, o ídolo moderno que é mais fervorosamente adorado dentre todos? O resultado, com grande frequência, é uma perversão do cristianismo autêntico que deixa pouco espaço para grandes sacrifícios e coloca o indivíduo no trono, em lugar do Deus vivo.

Ao resistirmos à revolução sexual, não exaltamos o casamento e a família nuclear de tal forma que marginalizamos ou ignoramos a visão bíblica da igreja como família de Deus e da vida de solteiro, quer por opção, quer não, como uma vocação positiva? A atual controvérsia em torno da homossexualidade na igreja nos dá uma oportunidade para reconhecermos esses "equívocos" e nos arrependermos deles, os quais amplificaram incomensuravelmente a sensação de implausibilidade da vida para a qual chamamos alguns dentre nós.

De uma perspectiva mundana, o chamado de Cristo para um discipulado sacrificial de corpo e alma parece incoerentemente desestimulante para qualquer um, a despeito de sua sexualidade ou circunstâncias pessoais. Para nós mesmos perseverarmos em uma vida de discipulado e persuadirmos outras pessoas a se juntarem a nós, precisamos de alguma forma transmitir que o que é oferecido não é um conjunto de regras, mas, sim, um relacionamento dinâmico com o Deus vivo.

Jamais poderíamos viver uma vida assim isolados, visto que, como cristãos, não fomos abandonados à própria sorte. Conhecemos a Deus como nosso Pai, o qual é amoroso e soberano sobre todas as coisas e está em ação, até mesmo nos momentos e aspectos mais difíceis de nossa vida, para nosso bem e para sua glória. Conhecemos a Cristo como nosso Senhor e Salvador, como aquele que nos chama a tomar cada um a sua cruz e o seguir, já tendo entregue sua vida por nós e oferecido infinitamente mais do que nos pede. E conhecemos o Espírito como o Consolador, que fica ao nosso lado a cada passo do caminho e nos chama para uma vida de intimidade profunda e gratificante em união com Cristo e na comunhão da igreja.

Quando vivida com esse Deus no centro, a vida cristã não é apenas plausível, mas formidável.

Vaughan Roberts
Igreja de St. Ebbe, Oxford

1 O problema da plausibilidade

Pedro

Apresento-lhe Pedro, um jovem de 17 anos. Ele é um cristão dedicado e membro entusiasmado de nosso grupo de jovens na igreja. Filho mais velho de um diácono e coordenador do ministério infantil, ele toca guitarra elétrica na banda de louvor, comanda a União Cristã em sua escola e tem um bom desempenho acadêmico, além de ser regionalmente famoso por ser um nadador de competição cada vez mais promissor. Ele é o tipo de jovem cristão bem-sucedido que faz as pessoas acreditarem que a igreja ainda pode ter um futuro.

Entretanto, desde o início da puberdade, Pedro tem sistematicamente se sentido atraído por outros rapazes. O que ele esperava que fosse apenas uma fase nunca passou, a despeito de suas orações e esforços para gostar de garotas. Ele se tornou especialista em fingir heterossexualidade, mas enfrenta dificuldades no grupo de jovens para afastar a atenção de algumas meninas ao mesmo tempo que tenta não concentrar muita atenção um dos rapazes.

O grupo de jovens da igreja se orgulha de sua sólida doutrina bíblica. Dessa forma, seus líderes levam suas responsabilidades a sério, especialmente no que diz respeito a explicar os ensinamentos tradicionais da igreja sobre sexo e relacionamentos. Pedro já ouviu incontáveis vezes que sexo é para o casamento entre um homem e

uma mulher. Até lá, ele tem de resistir à tentação de ser sexualmente ativo, tanto em pensamento como em ações. Assim, ele aprendeu, por exemplo, o que fazer quando se sentisse sexualmente atraído por uma mulher — que não seria errado reparar em sua beleza, mas que pode ser perigoso olhar uma segunda vez e se permitir despi-la mentalmente. O problema, contudo, é que Pedro se sente atraído por homens, de modo que mesmo um primeiro olhar, uma primeira atração, parece-lhe errado — ele ficou paralisado com a culpa por causa dos sentimentos que experimentou quando viu o rapaz de quem gosta se despir no dormitório em um fim de semana na igreja. A única coisa que ele tinha ouvido sobre a homossexualidade é que é algo totalmente errado, uma zona proibida para um cristão fervoroso como ele.

No entanto, acredite, Pedro quer muito fazer sexo. Ele está crescendo em uma das culturas mais sexualizadas desde antes do surgimento da cristandade. A vida de um adolescente se resume a isso, de acordo com as revistas que ele lê, os programas de televisão a que assiste e as conversas que surgem no vestiário. Isso é o que demonstra que você cresceu. É o que o torna um homem de verdade. Mesmo em seu grupo de jovens, comenta-se que é a mais maravilhosa e transformadora experiência. Um jovem casal da liderança dos jovens foi entrevistado recentemente diante de todos e comentou sobre como ambos eram gratos por terem esperado até o casamento para fazer sexo. Posteriormente, ao conversar com os rapazes do grupo de jovens em uma sessão somente para homens, o marido disse que o sexo havia sido a melhor experiência que já tivera e que Deus era bom demais por ter criado algo tão prazeroso. E que seria bom para eles também, se aguardassem o casamento.

Pedro, contudo, não experimentará nada disso se seguir aquilo que lhe foi dito e se viver à luz dos ensinamentos bíblicos. E isso parece absurdo (para dizer o mínimo) para o Pedro de 17 anos. O sexo está em toda parte. Seu desejo é incontrolável. E sua igreja lhe nega isso, para sempre.

Ao mesmo tempo, aquelas revistas, os programas de televisão e mesmo as conversas de vestiário dizem que ele deve seguir seus sentimentos. Sua série de TV favorita tem um personagem gay que não só o atrai, como é alguém que ele adoraria ser: totalmente desinibido em relação à sua sexualidade e fazendo sexo à vontade. Algumas buscas no Google às escondidas lhe mostram que há cristãos que creem que relacionamentos gays permanentes, estáveis e fiéis são corretos aos olhos de Deus. Talvez ele possa afinal conseguir o sexo que tanto deseja. E ainda continuar cristão. Ele gosta das duas coisas.

Jane

Agora, conheça Jane. Ela já está com quase quarenta anos. Passou por diversos relacionamentos desastrosos com homens, inclusive um rápido casamento que acabou após seu esposo cometer adultério. Ela se tornou cristã logo depois e se jogou de corpo e alma na vida da igreja: está no rodízio do café, na equipe de boas-vindas e coordena o roteiro de distribuição de sopa da igreja para desabrigados. Nos cultos natalinos do último ano, ela foi à frente e deu seu testemunho sobre como sua vida havia sido totalmente transformada por Jesus. Ela é uma das poucas histórias recentes de sucesso em sua igreja.

Contudo, juntamente com sua família na igreja, uma amizade íntima com uma mulher não cristã no trabalho tem sido um de seus principais apoios nos últimos anos e, para surpresa da própria Jane, seu relacionamento íntimo recentemente se tornou sexual. Todos vêm notando como ela tem estado mais feliz, de modo que seu grupo pequeno passou a louvar a Deus por responder às orações que faziam por ela (sem saber a causa).

A igreja de Jane assumiu uma postura firme em oposição à recente introdução do "casamento" gay. A petição da Coalizão pelo Casamento recebeu grande divulgação. Até então, Jane não havia percebido que relacionamentos sexuais com pessoas do mesmo